

## O URAGUAI

### Sumário

Soneto

Canto Primeiro

Canto Segundo

Canto Terceiro

Canto Quarto

Canto Quinto

Ao Autor I

Soneto - Joaquim Inácio de Seixas Brandão

Soneto - Inácio José de Alvarenga Peixoto

## O URAGUAI

"At specus, et Caci detecta apparuit ingens  
Regia, et umbrosae penitus patuere cavernae."  
VIRG. A Eneid. Lib. VIII.

AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO

SENHOR CONDE DE OEIRAS

### SONETO

Ergue de jaspe um globo alvo e rotundo,  
E em cima a estátua de um Herói perfeito;  
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,  
Que o seu nome enche a terra e o mar profundo.

Mostra na jaspe, artífice facundo,  
Em muda história tanto ilustre feito,  
Paz, Justiça, Abundância e firme peito,  
Isto nos basta a nós e ao nosso mundo.

Mas porque pode em século futuro,  
Peregrino, que o mar de nós afasta,  
Duvidar quem anima o jaspe duro,

Mostra-lhe mais Lisboa rica e vasta,  
E o Comércio, e em lugar remoto e escuro,  
Chorando a Hipocrisia. Isto lhe basta.

Do autor.

"... saevis... periclis/Servati facimus."

VIRG. A En. viii.

## CANTO PRIMEIRO

Fumam ainda nas desertas praias  
Lagos de sangue tépidos e impuros  
Em que ondeiam cadáveres despídos,  
Pasto de corvos. Dura inda nos vales  
O rouco som da irada artilheria.  
MUSA, honremos o Herói que o povo rude  
Subjugou do Uruguai, e no seu sangue  
Dos decretos reais lavou a afronta.  
Ai tanto custas, ambição de império!  
E Vós, por quem o Maranhão pendura

Rotas cadeias e grilhões pesados,  
Herói e irmão de heróis, saudosa e triste  
Se ao longe a vossa América vos lembra,  
Protegei os meus versos. Possa entanto  
Acostumar ao vôo as novas asas  
Em que um dia vos leve. Desta sorte  
Medrosa deixa o ninho a vez primeira  
Águia, que depois foge à humilde terra  
E vai ver de mais perto no ar vazio  
O espaço azul, onde não chega o raio.  
Já dos olhos o véu tinha rasgado  
A enganada Madri, e ao Novo Mundo  
Da vontade do Rei núncio severo  
Aportava Catâneo: e ao grande Andrade  
Avisa que tem prontos os socorros  
E que em breve saía ao campo armado.  
Não podia marchar por um deserto  
O nosso General, sem que chegassem  
As conduções, que há muito tempo espera.  
Já por dilatadíssimos caminhos  
Tinha mandado de remotas partes  
Conduzir os petrechos para a guerra.  
Mas entretanto cuidadoso e triste  
Muitas cousas a um tempo revolvía  
No inquieto agitado pensamento.  
Quando pelos seus guardas conduzido  
Um índio, com insígnias de correio,  
Com cerimônia estranha lhe apresenta  
Humilde as cartas, que primeiro toca  
Levemente na boca e na cabeça.  
Conhece a fiel mão e já descansa  
O ilustre General, que viu, rasgando,  
Que na cera encarnada impressa vinha  
A águia real do generoso Almeida.  
Diz-lhe que está vizinho e traz consigo,  
Prontos para o caminho e para a guerra,  
Os fogosos cavalos e os robustos  
E tardos bois que hão de sofrer o jugo

No pesado exercício das carretas.  
Não tem mais que esperar, e sem demora  
Responde ao castelhano que partia,  
E lhe determinou lugar e tempo  
Para unir os socorros ao seu campo.  
Juntos enfim, e um corpo do outro à vista,  
Fez desfilar as tropas pelo plano,  
Por que visse o espanhol em campo largo  
A nobre gente e as armas que trazia.  
Vão passando as esquadras: ele entanto  
Tudo nota de parte e tudo observa  
Encostado ao bastão. Ligeira e leve  
Passou primeiro a guarda, que na guerra  
É primeira a marchar, e que a seu cargo  
Tem descobrir e segurar o campo.  
Depois desta se segue a que descreve  
E dá ao campo a ordem e a figura,  
E transporta e edifica em um momento  
O leve teto e as movediças casas,  
E a praça e as ruas da cidade errante.  
Atrás dos forçosíssimos cavalos  
Quentes sonoros eixos vão gemendo  
Co' peso da funesta artilheria.  
Vinha logo de guardas rodeado  
- Fontes de crimes - militar tesouro,  
Por quem deixa no rego o curvo arado  
O lavrador, que não conhece a glória;  
E vendendo a vil preço o sangue e a vida  
Move, e nem sabe por que move, a guerra.  
Intrépidos e imóveis nas fileiras,  
Com grandes passos, firme a testa e os olhos  
Vão marchando os mitrados granadeiros,  
Sobre ligeiras rodas conduzindo  
Novas espécies de fundidos bronzes  
Que amiúdam, de prontas mãos servidos,  
E multiplicam pelo campo a morte.  
Que é este, Catâneo perguntava,  
Das brancas plumas e de azul e branco  
Vestido, e de galões coberto e cheio,  
Que traz a rica cruz no largo peito?  
Geraldo, que os conhece, lhe responde:  
É o ilustre Meneses, mais que todos  
Forte de braço e forte de conselho.  
Toda essa guerreira infantaria,  
A flor da mocidade e da nobreza  
Como ele azul e branco e ouro vestem.  
Quem é, continuava o castelhano,  
Aquele velho vigoroso e forte,  
Que de branco e amarelo e de ouro ornado  
Vem os seus artilheiros conduzindo?  
Vês o grande alpoim. Este o primeiro  
Ensinou entre nós por que caminho

Se eleva aos céus a curva e grave bomba  
Prenhe de fogo; e com que força do alto  
Abate os tetos da cidade e lança  
Do roto seio envolta em fumo a morte.  
Seguiam juntos o paterno exemplo  
Dignos do grande pai ambos os filhos.  
Justos céus! E é forçoso, ilustre Vasco,  
Que te preparem as soberbas ondas,  
Longe de mim, a morte e a sepultura?  
Ninfas do amor, que vistes, se é que vistes,  
O rosto esmorecido e os frios braços,  
Sobre os olhos soltai as verdes tranças.  
Triste objeto de mágoa e de saudade,  
Como em meu coração, vive em meus versos.  
Com os teus encarnados granadeiros  
Também te viu naquele dia o campo,  
Famoso Mascarenhas, tu, que agora  
Em doce paz, nos menos firmes anos,  
Igualmente servindo ao rei e à pátria,  
Ditas as leis ao público sossego,  
Honra de Toga e glória do Senado.  
Nem tu, Castro fortíssimo, escolheste  
O descanso da pátria: o campo e as armas  
Fizeram renovar no ínclito peito  
Todo o heróico valor dos teus passados.  
Os últimos que em campo se mostraram  
Foram fortes dragões de duros peitos,  
Prontos para dous gêneros de guerra,  
Que pelejam a pé sobre as montanhas,  
Quando o pede o terreno; e quando o pede  
Erguem nuvens de pó por todo o campo  
Co' tropel dos magnânimos cavalos.  
Convida o General depois da mostra,  
Pago da militar guerreira imagem,  
Os seus e os espanhóis; e já recebe  
No pavilhão purpúreo, em largo giro,  
Os capitães a alegre e rica mesa.  
Desterram-se os cuidados, derramando  
Os vinhos europeus nas taças de ouro.  
Ao som da ebúrnea cítara sonora  
Arreatado de furor divino  
Do seu herói, Matúcio celebrava  
Altas empresas dignas de memória.  
Honras futuras lhe promete, e canta  
Os seus brasões, e sobre o forte escudo  
Já de então lhe afigura e lhe descreve  
As pérolas e o título de Grande.  
Levantadas as mesas, entretinham  
O congresso de heróis discursos vários.  
Ali Catâneo ao General pedia  
Que do princípio lhe dissesse as causas  
Da nova guerra e do fatal tumulto.

Se aos Padres seguem os rebeldes povos?  
Quem os governa em paz e na peleja?  
Que do premeditado oculto Império  
Vagamente na Europa se falava  
Nos seus lugares cada qual imóvel  
Pende da sua boca: atende em roda  
Tudo em silêncio, e dá princípio Andrade:  
O nosso último rei e o rei de Espanha  
Determinaram, por cortar de um golpe,  
Como sabeis, neste ângulo da terra,  
As desordens de povos confinantes,  
Que mais certos sinais nos dividissem  
Tirando a linha de onde a estéril costa,  
E o cerro de Castilhos o mar lava  
Ao monte mais vizinho, e que as vertentes  
Os termos do domínio assinalassem.  
Vossa fica a Colônia, e ficam nossos  
Sete povos, que os Bárbaros habitam  
Naquela oriental vasta campina  
Que o fértil Uruguai discorre e banha.  
Quem podia esperar que uns índios rudes,  
Sem disciplina, sem valor, sem armas,  
Se atravessassem no caminho aos nossos,  
E que lhes disputassem o terreno!  
Enfim não lhes dei ordens para a guerra:  
Frustrada a expedição, enfim voltaram.  
Co' vosso general me determino  
A entrar no campo juntos, em chegando  
A doce volta da estação das flores.  
Não sofrem tanto os índios atrevidos:  
Juntos um nosso forte entanto assaltam.  
E os padres os incitam e acompanham.  
Que, à sua discrição, só eles podem  
Aqui mover ou sossegar a guerra.  
Os índios que ficaram prisioneiros  
Ainda os podeis ver neste meu campo.  
Deixados os quartéis, enfim partimos  
Por diversas estradas, procurando  
Tomar no meio os rebelados povos.  
Por muitas léguas de áspero caminho,  
Por lagos, bosques, vales e montanhas,  
Chegamos onde nos impede o passo  
Arrebatado e caudaloso rio.  
Por toda a oposta margem se descobre  
De bárbaros o número infinito  
Que ao longe nos insulta e nos espera.  
Preparo curvas balsas e pelotas,  
E em uma parte de passar aceno,  
Enquanto em outra passo oculto as tropas.  
Quase tocava o fim da empresa, quando  
Do vosso general um mensageiro  
Me afirma que se havia retirado:

A disciplina militar dos índios  
Tinha esterilizado aqueles campos.  
Que eu também me retire, me aconselha,  
Até que o tempo mostre outro caminho.  
Irado, não o nego, lhe respondo:  
Que para trás não sei mover um passo.  
Venha quando puder, que eu firme o espero.  
Porém o rio e a forma do terreno  
Nos faz não vista e nunca usada guerra.  
Sai furioso do seu seio, e toda  
Vai alagando com o desmedido  
Peso das águas a planície imensa.  
As tendas levantei, primeiro aos troncos,  
Depois aos altos ramos: pouco a pouco  
Fomos tomar na região do vento  
A habitação aos leves passarinhos.  
Tece o emaranhadíssimo arvoredor  
Verdes, irregulares, e torcidas  
Ruas e praças, de uma e de outra banda  
Cruzadas de canoas. Tais podemos  
Co'a mistura das luzes, e das sombras  
Ver por meio de um vidro transplantados  
Ao seio de Ádria os nobres edifícios,  
E os jardins, que produz outro elemento.  
E batidas do remo, e navegáveis  
As ruas da marítima Veneza.  
Duas vezes a lua prateada  
Curvou no céu sereno os alvos cornos,  
E inda continuava a grossa enchente.  
Tudo nos falta no país deserto.  
Tardar devia o espanhol socorro.  
E de si nos lançava o rio e o tempo.  
Cedi, e retirei-me às nossas terras.  
Deu fim à narração o invicto Andrade  
E antes de se soltar o ajuntamento,  
Com os régios poderes, que ocultara,  
Surpreende os seus, e os ânimos alegre,  
Enchendo os postos todos do seu campo.  
O corpo de dragões a Almeida entrega,  
E Campo das Mercês o lugar chama.

## CANTO SEGUNDO

Depois de haver marchado muitos dias  
Enfim junto a um ribeiro, que atravessa  
Serenos e mansos um curvo e fresco vale,  
Acharam, os que o campo descobriram,  
Um cavalo anelante, e o peito e as ancas  
Coberto de suor e branca espuma.  
Temos perto o inimigo: aos seus dizia

O esperto General: Sei que costumam  
Trazer os índios um volúvel laço,  
Com o qual tomam no espaçoso campo  
Os cavalos que encontram; e rendidos  
Aqui e ali com o continuado  
Galopar, a quem primeiro os segue  
Deixam os seus, que entanto se restauram.  
Nem se enganou; porque ao terceiro dia  
Formados os achou sobre uma larga  
Ventajosa colina, que de um lado  
É coberta de um bosque e do outro lado  
Corre escarpada e sobranceira a um rio.  
Notava o General o sítio forte,  
Quando Meneses, que vizinho estava,  
Lhe diz: Nestes desertos encontramos  
Mais do que se esperava, e me parece  
Que só por força de armas poderemos  
Inteiraente sujeitar os povos.  
Torna-lhe o General: Tentem-se os meios  
De brandura e de amor; se isto não basta,  
Farei a meu pesar o último esforço.  
Mandou, dizendo assim, que os índios todos  
Que tinha prisioneiros no seu campo  
Fossem vestidos das formosas cores,  
Que a inculta gente simples tanto adora.  
Abraçou-os a todos, como filhos,  
E deu a todos liberdade. Alegres  
Vão buscar os parentes e os amigos,  
E a uns e a outros contam a grandeza  
Do excelso coração e peito nobre  
Do General famoso, invicto Andrade.  
Já para o nosso campo vêm descendo,  
Por mandado dos seus, dous dos mais nobres.  
Sem arcos, sem aljavas; mas as testas  
De várias e altas penas coroadas,  
E cercadas de penas as cinturas,  
E os pés, e os braços e o pescoço. Entrara  
Sem mostras nem sinal de cortesia  
Sepé no pavilhão. Porém Cacambo  
Fez, ao seu modo, cortesia estranha,  
E começou: Ó General famoso,  
Tu tens à vista quanta gente bebe  
Do soberbo Uruguai a esquerda margem.  
Bem que os nossos avôs fossem despojo  
Da perfídia de Europa, e daqui mesmo  
Co's não vingados ossos dos parentes  
Se vejam branquejar ao longe os vales,

Eu, desarmado e só, buscar-te venho.  
Tanto espero de ti. E enquanto as armas  
Dão lugar à razão, senhor, vejamos  
Se se pode salvar a vida e o sangue

De tantos desgraçados. Muito tempo  
Pode ainda tardar-nos o recurso  
Com o largo oceano de permeio,  
Em que os suspiros dos vexados povos  
Perdem o alento. O dilatar-se a entrega  
Está nas nossas mãos, até que um dia  
Informados os reis nos restituam  
A doce antiga paz. Se o rei de Espanha  
Ao teu rei quer dar terras com mão larga  
Que lhe dê Buenos Aires, e Correntes  
E outras, que tem por estes vastos climas;  
Porém não pode dar-lhes os nossos povos.  
E inda no caso que pudesse dá-los,  
Eu não sei se o teu rei sabe o que troca  
Porém tenho receio que o não saiba.  
Eu já vi a Colônia portuguesa  
Na tenra idade dos primeiros anos,  
Quando o meu velho pai cos nossos arcs  
Às sitiadoras tropas castelhanas  
Deu socorro, e mediu convosco as armas.  
E quererão deixar os portugueses  
A praça, que avassala e que domina  
O gigante das águas, e com ela  
Toda a navegação do largo rio,  
Que parece que pôs a natureza  
Para servir-vos de limite e raia?  
Será; mas não o creio. E depois disto  
As campinas que vês e a nossa terra  
Sem o nosso suor e os nossos braços,  
De que serve ao teu rei? Aqui não temos  
Nem altas minas, nem caudalosos

Aqui não temos. Os padres faziam crer aos índios que os  
portugueses eram gente sem lei, que adoravam o ouro.  
Rios de areias de ouro. Essa riqueza  
Que cobre os templos dos benditos padres,  
Fruto da sua indústria e do comércio  
Da folha e peles, é riqueza sua.  
Com o arbítrio dos corpos e das almas  
O céu lha deu em sorte. A nós somente  
Nos toca arar e cultivar a terra,  
Sem outra paga mais que o repartido  
Por mãos escassas mísero sustento.  
Podres choupanas, e algodões tecidos,  
E o arco, e as setas, e as vistosas penas  
São as nossas fantásticas riquezas.  
Muito suor, e pouco ou nenhum fasto.  
Volta, senhor, não passes adiante.  
Que mais queres de nós? Não nos obrigues  
A resistir-te em campo aberto. Pode  
Custar-te muito sangue o dar um passo.  
Não queiras ver se cortam nossas frechas.



Vê que o nome dos reis não nos assusta.  
O teu está muito longe; e nós os índios  
Não temos outro rei mais do que os padres.  
Acabou de falar; e assim responde  
O ilustre General: Ó alma grande,  
Digna de combater por melhor causa,  
Vê que te enganam: risca da memória  
Vãs, funestas imagens, que alimentam  
Envelhecidos mal fundados ódios.  
Por mim te fala o rei: ouve-me, atende,  
E verás uma vez nua a verdade.  
Fez-vos livres o céu, mas se o ser livres  
Era viver errantes e dispersos,  
Sem companheiros, sem amigos, sempre  
Com as armas na mão em dura guerra,  
Ter por justiça a força, e pelos bosques  
Viver do acaso, eu julgo que inda fora  
Melhor a escravidão que a liberdade.  
Mas nem a escravidão, nem a miséria  
Quer o benigno rei que o fruto seja  
Da sua proteção. Esse absoluto  
Império ilimitado, que exercitam  
Em vós os padres, como vós, vassalos,  
É império tirânico, que usurpam.  
Nem são senhores, nem vós sois escravos.  
O rei é vosso pai: quer-vos felices.  
Sois livres, como eu sou; e sereis livres,  
Não sendo aqui, em outra qualquer parte.  
Mas deveis entregar-nos estas terras.  
Ao bem público cede o bem privado.  
O sossego de Europa assim o pede.  
Assim o manda o rei. Vós sois rebeldes,  
Se não obedeceis; mas os rebeldes,  
Eu sei que não sois vós, são os bons padres,  
Que vos dizem a todos que sois livres,  
E se servem de vós como de escravos.  
Armados de orações vos põem no campo  
Contra o fero trovão da artilheria,  
Que os muros arrebata; e se contentam  
De ver de longe a guerra: sacrificam,  
Avarentos do seu, o vosso sangue.  
Eu quero à vossa vista despojá-los  
Do tirano domínio destes climas,  
De que a vossa inocência os fez senhores.  
Dizem-vos que não tendes rei? Cacique,  
E o juramento de fidelidade?  
Porque está longe, julgas que não pode  
Castigar-vos a vós, e castigá-los?  
Generoso inimigo, é tudo engano.  
Os reis estão na Europa; mas adverte  
Que estes braços, que vês, são os seus braços.  
Dentro de pouco tempo um meu aceno

Vai cobrir este monte e essas campinas  
De semivivos palpitantes corpos  
De míseros mortais, que inda não sabem  
Por que causa o seu sangue vai agora  
Lavar a terra e recolher-se em lagos.  
Não me chames cruel: enquanto é tempo  
Pensa e resolve, e, pela mão tomando  
Ao nobre embaixador, o ilustre Andrade  
Intenta reduzi-lo por brandura.  
E o índio, um pouco pensativo, o braço  
E a mão retira; e, suspirando, disse:  
Gentes de Europa, nunca vos trouxera  
O mar e o vento a nós. Ah! não de balde  
Estendeu entre nós a natureza  
Todo esse plano espaço imenso de águas.  
Proseguia talvez; mas o interrompe  
Sepé, que entra no meio, e diz: Cacambo  
Fez mais do que devia; e todos sabem  
Que estas terras, que pisas, o céu livres  
Deu aos nossos avôs; nós também livres  
As recebemos dos antepassados.  
Livres as hão de herdar os nossos filhos.  
Desconhecemos, detestamos jugo  
Que não seja o do céu, por mão dos padres.  
As frechas partirão nossas contendias  
Dentro de pouco tempo: e o vosso Mundo,  
Se nele um resto houver de humanidade,  
Julgará entre nós; se defendemos  
Tu a injustiça, e nós o Deus e a Pátria.  
Enfim quereis a guerra, e tereis guerra.  
Lhe torna o General: Podeis partir-vos,  
Que tendes livres o passo. Assim dizendo,  
Manda dar a Cacambo rica espada  
De tortas guarnições de prata e ouro,  
A que inda mais valor dera o trabalho.  
Um bordado chapéu e larga cinta  
Verde, e capa de verde e fino pano,  
Com bandas amarelas e encarnadas.  
E mandou que a Sepé se desse um arco  
De pontas de marfim; e ornada e cheia  
De novas setas a famosa aljava:  
A mesma aljava que deixara um dia,  
Quando envolto em seu sangue, e vivo apenas,  
Sem arco e sem cavalo, foi trazido  
Prisioneiro de guerra ao nosso campo.  
Lembrou-se o índio da passada injúria  
E sobraçando a conhecida aljava  
Lhe disse: Ó General, eu te agradeço  
As setas que me dás e te prometo  
Mandar-tas bem depressa uma por uma  
Entre nuvens de pó no ardor da guerra.  
Tu as conhecerás pelas feridas,

Ou porque rompem com mais força os ares.  
Despediram-se os índios, e as esquadras  
Se vão dispendo em ordem de peleja,  
Como mandava o General. Os lados  
Cobrem as tropas de cavalaria,  
E estão no centro firmes os infantes.  
Qual fera boca de libréu raivoso,  
De lisos e alvos dentes guarneçada,  
Os índios ameaça a nossa frente  
De agudas baionetas rodeada.  
Fez a trombeta o som da guerra. Ouviram  
Aqueles montes pela vez primeira  
O som da caixa portuguesa; e viram  
Pela primeira vez aqueles ares  
Desenroladas as reais bandeiras.  
Saem das grutas pelo chão cavadas,  
Em que até li de indústria se escondiam.  
Nuvens de índios, e a vista duvidava  
Se o terreno os bárbaros nasciam.  
Qual já no tempo antigo o errante Cadmo  
Dizem que vira da fecunda terra  
Brotar a cruelíssima seara.  
Erguem todos um bárbaro alarido,  
E sobre os nossos cada qual encurva  
Mil vezes, e mil vezes sota o arco,  
Um chuveiro de setas despedindo.  
Gentil mancebo presumido e néscio,  
A quem a popular lisonja engana,  
Vaidoso pelo campo discorria,  
Fazendo ostentação dos seus penachos.  
Impertinente e de família escura,  
Mas que tinha o favor dos santos padres,  
Contam, não sei se é certo, que o tivera  
A estéril mãe por orações de Balda.  
Chamaram-no Baldetta por memória.  
Tinha um cavalo de manchada pele  
Mais vistoso que forte: a natureza  
Um ameno jardim por todo o corpo  
Lhe debuxou, e era Jardim chamado.  
O padre na saudosa despedida  
Deu-lho em sinal de amor; e nele agora  
Girando ao largo com incertos tiros  
Muitos feria, e a todos inquietava.  
Mas se então se cobriu de eterna infâmia,  
A glória tua foi, nobre Gerardo.  
Tornava o índio jactancioso, quando  
Lhe sai Gerardo ao meio da carreira:

Disparou-lhe a pistola, e fez-lhe a um tempo  
Co' reflexo do sol luzir a espada.  
Só de vê-lo se assusta o índio, e fica  
Qual quem ouve o trovão e espera o raio.

Treme, e o cavalo aos seus volta, e pendente  
A um lado e a outro de cair acena.  
Deixando aqui e ali por todo o campo  
Entornadas as setas; pelas costas,  
Flutuavam as penas; e fugindo  
Soltas da mão as rédeas ondeavam.  
Insta Gerardo, e quase o ferro o alcança,  
Quando Tatu-Guaçu, o mais valente  
De quantos índios viu a nossa idade,  
Armado o peito da escamosa pele  
De um jacaré disforme, que matara,  
Se atravessa diante. Intenta o nosso  
Com a outra pistola abrir caminho,  
E em vão o intenta: a verde-negra pele,  
Que ao índio o largo peito orna e defende,  
Formou a natureza impenetrável.  
Co'a espada o fere no ombro e na cabeça  
E as penas corta, de que o campo espalha.  
Separa os dous fortíssimos guerreiros  
A multidão dos nossos, que atropela  
Os índios fugitivos: tão depressa  
Cobrem o campo os mortos e os feridos,  
E por nós a vitória se declara.  
Precipitadamente as armas deixam,  
Nem resistem mais tempo às espingardas.  
Vale-lhe a costumada ligeireza,  
Debaixo lhe desaparece a terra  
E voam, que o temor aos pés põe asas,  
Clamando ao céu e encomendando a vida  
Às orações dos padres. Desta sorte  
Talvez, em outro clima, quando soltam  
A branca neve eterna os velhos Alpes,  
Arrebata a corrente impetuosa  
Co'as choupanas o gado. Aflito e triste  
Se salva o lavrador nos altos ramos,  
E vê levar-lhe a cheia os bois e o arado.  
Poucos índios no campo mais famosos,  
Servindo de reparo aos fugitivos,  
Sustentam todo o peso da batalha,  
Apesar da fortuna. De uma parte  
Tatu-Guaçu mais forte na desgraça  
Já banhado em seu sangue pertendia  
Por seu braço ele só pôr termo à guerra.  
Caitutu de outra parte altivo e forte  
Opunha o peito à fúria do inimigo,  
E servia de muro à sua gente.  
Fez proezas Sepé naquele dia.  
Conhecido de todos, no perigo  
Mostrava descoberto o rosto e o peito  
Forçando os seus co' exemplo e co'as palavras.  
Já tinha despejado a aljava toda,  
E destro em atirar, e irado e forte

Quantas setas da mão voar fazia  
Tantas na nossa gente ensangüentava.  
Setas de novo agora recebia,  
Para dar outra vez princípio à guerra.  
Quando o ilustre espanhol que governava  
Montevideo, alegre, airoso e pronto  
As rédeas volta ao rápido cavalo  
E por cima de mortos e feridos,  
Que lutavam co'a morte, o índio afronta.  
Sepé, que o viu, tinha tomado a lança  
E atrás deitando a um tempo o corpo e o braço  
A despediu. Por entre o braço e o corpo  
Ao ligeiro espanhol o ferro passa:  
Rompe, sem fazer dano, a terra dura  
E treme fora muito tempo a hástea.  
Mas de um golpe a Sepé na testa e peito  
Fere o governador, e as rédeas corta  
Ao cavalo feroz. Foge o cavalo,  
E leva involuntário e ardendo em ira  
Por todo o campo a seu senhor; e ou fosse  
Que regada de sangue aos pés cedia  
A terra, ou que pusesse as mãos em falso,  
Rodou sobre si mesmo, e na caída  
Lançou longe a Sepé. Rende-te, ou morre,  
Grita o governador; e o tape altivo,  
Sem responder, encurva o arco, e a seta  
Despede, e nela lhe prepara a morte.  
Enganou-se esta vez. A seta um pouco  
Declina, e açouta o rosto a leve pluma.  
Não quis deixar o vencimento incerto  
Por mais tempo o espanhol, e arrebatado  
Com a pistola lhe fez tiro aos peitos.  
Era pequeno o espaço, e fez o tiro  
No corpo desarmado estrago horrendo.  
Viam-se dentro pelas rotas costas  
Palpitar as entranhas. Quis três vezes  
Levantar-se do chão: caiu três vezes,  
E os olhos já nadando em fria morte  
Lhe cobriu sombra escura e férreo sono.  
Morto o grande Sepé, já não resistem  
As tímidas esquadras. Não conhece  
Leis o temor. Debalde está diante,  
E anima os seus o rápido Cacambo.  
Tinha-se retirado da peleja  
Caitutu mal ferido; e do seu corpo  
Deixa Tatu-Guaçu por onde passa  
Rios de sangue. Os outros mais valentes  
Ou eram mortos, ou feridos. Pende  
O ferro vencedor sobre os vencidos.  
Ao número, ao valor cede Cacambo:  
Salva os índios que pode, e se retira.

## CANTO TERCEIRO

Já a nossa do mundo Última Parte  
Tinha voltado a ensangüentada fronte  
Ao centro luminar quando a campanha  
Semeada de mortos e insepultos  
Viu desfazer-se a um tempo a vila errante  
Ao som das caixas. Descontente e triste  
Marchava o General: não sofre o peito  
Compadecido e generoso a vista  
Daqueles frios e sangrados corpos,  
Vítimas da ambição de injusto império.  
Foram ganhando e descobrindo terra  
Inimiga e infiel; até que um dia  
Fizeram alto e se acamparam onde  
Incultas várgeas, por espaço imenso,  
Enfadonhas e estéreis acompanham  
Ambas as margens de um profundo rio.  
Todas estas vastíssimas campinas  
Cobrem palustres e tecidas canas  
E leves juncos do calor tostados,  
Pronta matéria de voraz incêndio.  
O índio habitador de quando em quando  
Com estranha cultura entrega ao fogo;  
Muitas léguas de campo: o incêndio dura,  
Enquanto dura e o favorece o vento.  
Da erva, que renasce, se apascenta  
O imenso gado, que dos montes desce;  
E renovando incêndios desta sorte  
A Arte emenda a Natureza, e podem  
Ter sempre nédio o gado, e o campo verde.  
Mas agora sabendo por espias  
As nossas marchas, conservavam sempre  
Secas as torradíssimas campinas;  
Nem consentiam, por fazer-nos guerra,  
Que a chama benfeitora e a cinza fria  
Fertilizasse o árido terreno.  
O cavalo até li forte e brioso,  
E costumado a não ter mais sustento,  
Naqueles climas, do que a verde relva  
Da mimosa campina, desfalece.  
Nem mais, se o seu senhor o afaga, encurva  
Os pés, e cava o chão co'as mãos, e o vale  
Rinchando atroa, e açouta o ar co'as clinas.  
Era alta noite, e carrancudo e triste  
Negava o céu envolto em pobre manto  
A luz ao mundo, e murmurar se ouvia  
Ao longe o rio, e menear-se o vento.  
Respirava descanso a natureza.  
Só na outra margem não podia entanto  
O inquieto Cacambo achar sossego.  
No perturbado interrompido sono

(Talvez fosse ilusão) se lhe apresenta  
A triste imagem de Sepé despido,  
Pintado o rosto do temor da morte,  
Banhado em negro sangue, que corria  
Do peito aberto, e nos pisados braços  
Inda os sinais da mísera caída.  
Sem adorno a cabeça, e aos pés calcada  
A rota aljava e as descompostas penas.  
Quanto diverso do Sepé valente,  
Que no meio dos nossos espalhava,  
De pó, de sangue e de suor coberto,  
O espanto, a morte! E diz-lhe em tristes vozes:  
Foge, foge, Cacambo. E tu descansas,  
Tendo tão perto os inimigos? Torna,  
Torna aos teus bosques, e nas pátrias grutas  
Tua fraqueza e desventura encobre.  
Ou, se acaso inda vivem no teu peito  
Os desejos de glória, ao duro passo  
Resiste valeroso; ah tu, que podes!  
E tu, que podes, põe a mão nos peitos  
À fortuna de Europa: agora é tempo,  
Que descuidados da outra parte dormem.  
Envolve em fogo e fumo o campo, e paguem  
O teu sangue e o meu sangue. Assim dizendo  
Se perdeu entre as nuvens, sacudindo  
Sobre as tendas, no ar, fumante tocha;  
E assinala com chamas o caminho.  
Acorda o índio valeroso, e salta  
Longe da curva rede, e sem demora  
O arco e as setas arrebatada, e fere  
O chão com o pé: quer sobre o largo rio  
Ir peito a peito a contrastar co' a morte.  
Tem diante dos olhos a figura  
Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.  
Pendura a um verde tronco as várias penas,  
E o arco, e as setas, e a sonora aljava;  
E onde mais manso e mais quieto o rio  
Se estende e espraia sobre a ruiva areia  
Pensativo e turbado entra; e com água  
Já por cima do peito as mãos e os olhos  
Levanta ao céu, que ele não via, e às ondas  
O corpo entrega. Já sabia entanto  
A nova empresa na limosa gruta  
O pátrio rio; e dando um jeito à urna  
Fez que as águas corressem mais serenas;  
E o índio afortunado a praia oposta  
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta  
Da margem guarneçada e mansamente  
Pelo silêncio vai da noite escura  
Buscando a parte donde vinha o vento.  
Lá, como é uso do país, roçando  
Dous lenhos entre si, desperta a chama,

Que já se ateia nas ligeiras palhas,  
E velozmente se propaga. Ao vento  
Deixa Cacambo o resto e foge a tempo  
Da perigosa luz; porém na margem  
Do rio, quando a chama abrasadora  
Começa a alumiar a noite escura,  
Já sentido dos guardas não se assusta  
E temerária e venturosamente,  
Fiando a vida aos animosos braços,  
De um alto precipício às negras ondas  
Outra vez se lançou e foi de um salto  
Ao fundo rio a visitar a areia.  
Debalde gritam, e debalde às margens  
Corre a gente apressada. Ele entretanto  
Sacode as pernas e os nervosos braços:  
Rompe as escumas assoprando, e a um tempo  
Suspendido nas mãos, voltando o rosto,  
Via nas águas trêmulas a imagem  
Do arrebatado incêndio, e se alegrava...  
Não de outra sorte o cauteloso Ulisses,  
Vaidoso da ruína, que causara,  
Viu abrasar de Tróia os altos muros,  
E a perjura cidade envolta em fumo  
Encostar-se no chão e pouco a pouco  
Desmaiar sobre as cinzas. Cresce entanto  
O incêndio furioso, e o irado vento  
Arrebata às mãos cheias vivas chamas,  
Que aqui e ali pela campina espalha.  
Comunica-se a um tempo ao largo campo  
A chama abrasadora e em breve espaço  
Cerca as barracas da confusa gente.  
Armado o General, como se achava,  
Saiu do pavilhão e pronto atalha,  
Que não prossiga o voador incêndio.  
Poucas tendas entrega ao fogo e manda,  
Sem mais demora, abrir largo caminho  
Que os separe das chamas. Uns já cortam  
As combustíveis palhas, outros trazem  
Nos prontos vasos as vizinhas ondas.  
Mas não espera o bárbaro atrevido.  
A todos se adianta; e desejoso  
De levar a notícia ao grande Balda  
Naquela mesma noite o passo estende.  
Tanto se apressa que na quarta aurora  
Por veredas ocultas viu de longe  
A doce pátria, e os conhecidos montes,  
E o templo, que tocava o céu co'as grimpas.  
Mas não sabia que a fortuna entanto  
Lhe preparava a última ruína.  
Quanto seria mais ditoso! Quanto  
Melhor lhe fora o acabar a vida  
Na frente do inimigo, em campo aberto,



Ou sobre os restos de abrasadas tendas,  
Obra do seu valor! Tinha Cacambo  
Real esposa, a senhoril Lindóia,  
De costumes suavíssimos e honestos,  
Em verdes anos: com ditosos laços  
Amor os tinha unido; mas apenas  
Os tinha unido, quando ao som primeiro  
Das trombetas lho arrebatou dos braços  
A glória enganadora. Ou foi que Balda,  
Engenhoso e sutil, quis desfazer-se  
Da presença importuna e perigosa  
Do índio generoso; e desde aquela  
Saudosa manhã, que a despedida  
Presenciou dos dous amantes, nunca  
Consentiu que outra vez tornasse aos braços  
Da formosa Lindóia e descobria  
Sempre novos pretextos da demora.  
Tornar não esperado e vitorioso  
Foi todo o seu delito. Não consente  
O cauteloso Balda que Lindóia  
Chegue a falar ao seu esposo; e manda  
Que uma escura prisão o esconda e aparte  
Da luz do sol. Nem os reais parentes,  
Nem dos amigos a piedade, e o pranto  
Da enternecida esposa abrandam o peito  
Do obstinado juiz: até que à força  
De desgostos, de mágoa e de saudade,  
Por meio de um licor desconhecido,  
Que lhe deu compassivo o santo padre,  
Jaz o ilustre Cacambo - entre os gentios  
Único que na paz e em dura guerra  
De virtude e valor deu claro exemplo.  
Chorado ocultamente e sem as honras  
De régio funeral, desconhecida  
Pouca terra os honrados ossos cobre.  
Se é que os seus ossos cobre alguma terra.  
Cruéis ministros, encobri ao menos  
A funesta notícia. Ai que já sabe  
A assustada amantíssima Lindóia  
O sucesso infeliz. Quem a socorre!  
Que aborrecida de viver procura  
Todos os meios de encontrar a morte.  
Nem quer que o esposo longamente a espere  
No reino escuro, aonde se não ama.  
Mas a enrugada Tanajura, que era  
Prudente e exprimentada (e que a seus peitos  
Tinha criado em mais ditosa idade  
A mãe da mãe da mísera Lindóia),  
E lia pela história do futuro,  
Visionária, supersticiosa,  
Que de abertos sepulcros recolhia  
Nuas caveiras e esburgados ossos,

A uma medonha gruta, onde ardem sempre  
Verdes candeias, conduziu chorando  
Lindóia, a quem amava como filha;  
E em ferrugento vaso licor puro  
De viva fonte recolheu. Três vezes  
Girou em roda, e murmurou três vezes  
Co'a carcomida boca ímpias palavras,  
E as águas assoprou: depois com o dedo  
Lhe impõe silêncio e faz que as águas note.  
Como no mar azul, quando recolhe  
A lisonjeira viração as asas,  
Adormecem as ondas e retratam  
Ao natural as debruçadas penhas,  
O copado arvoredado e as nuvens altas:  
Não de outra sorte à tímida Lindóia  
Aqueles águas fielmente pintam  
O rio, a praia o vale e os montes onde  
Tinha sido Lisboa; e viu Lisboa  
Entre despedaçados edifícios,  
Com o solto cabelo descomposto,  
Tropeçando em ruínas encostar-se.  
Desamparada dos habitantes  
A Rainha do Tejo, e solitária,  
No meio de sepulcros procurava  
Com seus olhos socorro; e com seus olhos  
Só descobria de um e de outro lado  
Pendentes muros e inclinadas torres.  
Vê mais o Luso Atlante, que forceja  
Por sustentar o peso desmedido  
Nos roxos ombros. Mas do céu sereno  
Em branca nuvem Próvida Donzela  
Rapidamente desce e lhe apresenta,  
De sua mão, Espírito Constante,  
Gênio de Alcides, que de negros monstros  
Despeja o mundo e enxuga o pranto à pátria.  
Tem por despojos cabeludas peles  
De ensangüentados e famintos lobos  
E fingidas raposas. Manda, e logo  
O incêndio lhe obedece; e de repente  
Por onde quer que ele encaminha os passos  
Dão lugar as ruínas. Viu Lindóia  
Do meio delas, só a um seu aceno,  
Sair da terra feitos e acabados  
Vistosos edifícios. Já mais bela  
Nasce Lisboa de entre as cinzas - glória  
Do grande conde, que co'a mão robusta  
Lhe firmou na alta testa os vacilantes  
Mal seguros castelos. Mais ao longe  
Prontas no Tejo, e ao curvo ferro atadas  
Aos olhos dão de si terrível mostra,  
Ameaçando o mar, as poderosas  
Soberbas naus. Por entre as cordas negras

Alvejam as bandeiras: geme atado  
Na popa o vento; e alegres e vistosas  
Descem das nuvens a beijar os mares  
As flâmulas guerreiras. No horizonte  
Já sobre o mar azul aparecia  
A pintada Serpente, obra e trabalho  
Do Novo Mundo, que de longe vinha  
Buscar as nadadoras companheiras  
E já de longe a fresca Sintra e os montes,  
Que inda não conhecia, saudava.  
Impacientes da fatal demora  
Os lenhos mercenários junto à terra  
Recebem no seu seio e a outros climas,  
Longe dos doces ares de Lisboa,  
Transportam a Ignorância e a magra Inveja,  
E envolta em negros e compridos panos  
A Discórdia, o Furor. A torpe e velha  
Hipocrisia vagarosamente  
Atrás deles caminha; e inda duvida  
Que houvesse mão que se atrevesse a tanto.  
O povo a mostra com o dedo; e ela,  
Com os olhos no chão, da luz do dia  
Foge, e cobrir o rosto inda procura  
Com os pedaços do rasgado manto.  
Vai, filha da ambição, onde te levam  
O vento e os mares: possam teus alunos  
Andar errando sobre as águas; possa  
Negar-lhe a bela Europa abrigo e porto.  
Alegre deixarei a luz do dia,  
Se chegarem a ver meus olhos que Ádria  
Da alta injúria se lembra e do seu seio  
Te lança - e que te lançam do seu seio  
Gália, Ibéria e o país belo que parte  
O Apenino, e cinge o mar e os Alpes.  
Pareceu a Lindóia que a partida  
Destes monstros deixava mais serenos  
E mais puros os ares. Já se mostra  
Mais distinta a seus olhos a cidade.  
Mas viu, ai vista lastimosa! a um lado  
Ir a fidelidade portuguesa,  
Manchados os puríssimos vestidos  
De roxas nódoas. Mais ao longe estava  
Com os olhos vendados, e escondido  
Nas roupas um punhal banhado em sangue,  
O Fanatismo, pela mão guiando  
Um curvo e branco velho ao fogo e ao laço.  
Geme ofendida a Natureza; e geme  
Ai! Muito tarde, a crédula cidade.  
Os olhos põe no chão a Igreja irada  
E desconhece, e desaprova, e vinga  
O delito cruel e a mão bastarda.  
Embebida na mágica pintura

Goza as imagens vãs e não se atreve  
Lindóia a perguntar. Vê destruída  
A República infame, e bem vingada  
A morte de Cacambo. E atenta e imóvel  
Apascentava os olhos e o desejo,  
E nem tudo entendia, quando a velha  
Bateu co' a mão e fez tremer as águas.  
Desaparecem as fingidas torres  
E os verdes campos; nem já deles resta  
Leve sinal. Debalde os olhos buscam  
As naus: já não são naus, nem mar, nem montes,  
Nem o lugar onde estiveram. Torna  
Ao pranto a saudosíssima Lindóia  
E de novo outra vez suspira e geme.  
Até que a noite compassiva e atenta,  
Que as magoadas lástimas lhe ouvira,  
Ao partir sacudiu das fuscas asas,  
Envolto em frio orvalho, um leve sono,  
Suave esquecimento de seus males.

#### CANTO QUARTO

Salvas as tropas do noturno incêndio,  
Aos povos se avizinha o grande Andrade,  
Depois de afugentar os índios fortes  
Que a subida dos montes defendiam,  
E rotos muitas vezes e espalhados  
Os tapes cavaleiros, que arremessam  
Duas causas de morte em uma lança  
E em largo giro todo o campo escrevem.  
Que negue agora a pérfida calúnia  
Que se ensinava aos bárbaros gentios  
A disciplina militar, e negue  
Que mãos traidoras a distantes povos  
Por ásperos desertos conduziam  
O pó sulfúreo, e as sibilantes balas  
E o bronze, que rugia nos seus muros.  
Tu que viste e pisaste, ó Blasco insigne,  
Todo aquele país, tu só pudeste,  
Co' a mão que dirigia o ataque horrendo  
E aplanava os caminhos à vitória,  
Descrever ao teu rei o sítio e as armas,  
E os ódios, e o furor, e a incrível guerra.  
Pisaram finalmente os altos riscos  
De escavada montanha, que os infernos  
Co' o peso oprime e a testa altiva esconde  
Na região que não perturba o vento.  
Qual vê quem foge à terra pouco a pouco  
Ir crescendo o horizonte, que se encurva,  
Até que com os céus o mar confina,  
Nem tem à vista mais que o ar e as ondas:  
Assim quem olha do escarpado cume

Não vê mais do que o céu, que o mais lhe encobre  
A tarda e fria névoa, escura e densa.  
Mas quando o Sol de lá do eterno e fixo  
Purpúreo encosto de dourado assento,  
Co'a criadora mão desfaz e corre  
O véu cinzento de ondeadas nuvens,  
Que alegre cena para os olhos! Podem  
Daquela altura, por espaço imenso,  
Ver as longas campinas retalhadas  
De trêmulos ribeiros, claras fontes  
E lagos cristalinos, onde molha  
As leves asas o lascivo vento.  
Engraçados outeiros, fundos vales  
E arvoredos copados e confusos,  
Verde teatro, onde se admira quanto  
Produziu a supérflua Natureza.  
A terra sofredora de cultura  
Mostra o rasgado seio; e as várias plantas,  
Dando as mãos entre si, tecem compridas  
Ruas, por onde a vista saudosa  
Se estende e perde. O vagaroso gado  
Mal se move no campo, e se divisam  
Por entre as sombras da verdura, ao longe,  
As casas branquejando e os altos templos.  
Ajuntavam-se os índios entretanto  
No lugar mais vizinho, onde o bom padre  
O bom padre. Balda.  
Queria dar Lindóia por esposa  
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto  
E a régia autoridade de Cacambo.  
Estão patentes as douradas portas  
Do grande templo, e na vizinha praça  
Se vão dispendo de uma e de outra banda  
As vistosas esquadras diferentes.  
Co'a chata frente de urucu tingida,  
Vinha o índio Cobé disforme e feio,  
Que sustenta nas mãos pesada maça,  
Com que abate no campo os inimigos  
Como abate a seara o rijo vento.  
Traz consigo os salvages da montanha,  
Que comem os seus mortos; nem consentem  
Que jamais lhes esconda a dura terra  
No seu avaro seio o frio corpo  
Do doce pai, ou suspirado amigo.  
Foi o segundo, que de si fez mostra,  
O mancebo Pindó, que sucedera  
A Sepé no lugar: inda em memória  
Do não vingado irmão, que tanto amava,  
Leva negros penachos na cabeça.  
São vermelhas as outras penas todas,  
Cor que Sepé usara sempre em guerra.  
Vão com eles os seus tapes, que se afrontam

É que têm por injúria morrer velhos.  
Segue-se Caitutu, de régio sangue  
E de Lindóia irmão. Não muito fortes  
São os que ele conduz; mas são tão destros  
No exercício da frecha que arrebatam  
Ao verde papagaio o curvo bico,  
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros  
O peixe prateado está seguro  
No fundo do ribeiro. Vinham logo  
Alegres guaranis de amável gesto.  
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.  
Penas da cor do céu trazem vestidas,  
Com cintas amarelas: e Baldetta  
Desvanecido a bela esquadra ordena  
No seu Jardim: até o meio a lança  
Pintada de vermelho, e a testa e o corpo  
Todo coberto de amarelas plumas.  
Pendente a rica espada de Cacambo,  
E pelos peitos ao través lançada  
Por cima do ombro esquerdo a verde faixa  
De donde ao lado oposto a aljava desce.  
Num cavalo da cor da noite escura  
Entrou na grande praça derradeiro  
Tatu-Guaçu feroz, e vem guiando  
Tropel confuso de cavalaria,  
Que combate desordenadamente.  
Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem  
Peles de monstros os seguros peitos.  
Revia-se em Baldetta o santo padre;  
E fazendo profunda reverência,  
Fora da grande porta, recebia  
O esperado Tedeu ativo e pronto,  
A quem acompanhava vagaroso  
Com as chaves no cinto o Irmão Patusca,  
De pesada, enormíssima barriga.  
Jamais a este o som da dura guerra  
Tinha tirado as horas do descanso.  
De indulgente moral e brando peito,  
Que penetrado da fraqueza humana  
Sofre em paz as delícias desta vida,  
Tais e quais no-las dão. Gosta das cousas  
Porque gosta, e contenta-se do efeito  
E nem sabe nem quer saber as causas.  
Ainda que talvez, em falta de outro,  
Com grosseiras ações o povo exorte,  
Gritando sempre, e sempre repetindo,  
Que do bom Pai Adão a triste raça  
Por degraus degenera, e que este mundo  
Piorando envelhece. Não faltava,  
Para se dar princípio à estranha festa,  
Mais que Lindóia. Há muito lhe preparam  
Todas de brancas penas revestidas

Festões de flores as gentis donzelas.  
Cansados de esperar, ao seu retiro  
Vão muitos impacientes a buscá-la.  
Estes de cressa Tanajura aprendem  
Que entrara no jardim triste e chorosa,  
Sem consentir que alguém a acompanhasse.  
Um frio susto corre pelas veias  
De Caitutu, que deixa os seus no campo;  
E a irmã por entre as sombras do arvoredo  
Busca co'a vista, e teme de encontrá-la.  
Entram enfim na mais remota e interna  
Parte de antigo bosque, escuro e negro,  
Onde ao pé de uma lapa cavernosa  
Cobre uma rouca fonte, que murmura,  
Curva latada de jasmims e rosas.  
Este lugar delicioso e triste,  
Cansada de viver, tinha escolhido  
Para morrer a mísera Lindóia.  
Lá reclinada, como que dormia,  
Na branda relva e nas mimosas flores,  
Tinha a face na mão, e a mão no tronco  
De um fúnebre cipreste, que espalhava  
Melancólica sombra. Mais de perto  
Descobrem que se enrola no seu corpo  
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge  
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.  
Fogem de a ver assim, sobressaltados,  
E param cheios de temor ao longe;  
E nem se atrevem a chamá-la, e temem  
Que desperte assustada, e irrite o monstro,  
E fuja, e apresse no fugir a morte.  
Porém o destro Caitutu, que treme  
Do perigo da irmã, sem mais demora  
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes  
Soltar o tiro, e vacilou três vezes  
Entre a ira e o temor. Enfim sacode  
O arco e faz voar a aguda seta,  
Que toca o peito de Lindóia, e fere  
A serpente na testa, e a boca e os dentes  
Deixou cravados no vizinho tronco.  
Açouta o campo co'a ligeira cauda  
O irado monstro, e em tortuosos giros  
Se enrosca no cipreste, e verte envolto  
Em negro sangue o lívido veneno.  
Leva nos braços a infeliz Lindóia  
O desgraçado irmão, que ao despertá-la  
Conhece, com que dor! no frio rosto  
Os sinais do veneno, e vê ferido  
Pelo dente sutil o brando peito.  
Os olhos, em que Amor reinava, um dia,  
Cheios de morte; e muda aquela língua  
Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes

Contou a larga história de seus males.  
Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,  
E rompe em profundíssimos suspiros,  
Lendo na testa da fronteira gruta  
De sua mão já trêmula gravado  
O alheio crime e a voluntária morte.  
E por todas as partes repetido  
O suspirado nome de Cacambo.  
Inda conserva o pálido semblante  
Um não sei quê de magoado e triste,  
Que os corações mais duros entenece  
Tanto era bela no seu rosto a morte!  
Indiferente admira o caso acerbo  
Da estranha novidade ali trazido  
O duro Balda; e os índios, que se achavam,  
Corre co' a vista e os ânimos observa.  
Quando pode o temor! Secou-se a um tempo  
Em mais de um rosto o pranto; e em mais de um peito  
Morreram sufocados os suspiros.  
Ficou desamparada na espessura,  
E exposta às feras e às famintas aves,  
Sem que alguém se atrevesse a honrar seu corpo  
De poucas flores e piedosa terra.  
Fastosa egípcia, que o maior triunfo  
Temeste honrar do vencedor Latino,  
Se desceste inda livre ao escuro reino  
Foi vaidosa talvez da imaginada  
Bárbara pompa do real sepulcro.  
Amável indiana, eu te prometo  
Que em breve a iníqua pátria envolta em chamas  
Te sirva de urna, e que misture e leve  
A tua e a sua cinza o irado vento.  
Confusamente murmurava entanto  
Do caso atroz a lastimada gente.  
Dizem que Tanajura lhes pintara  
Suave aquele gênero de morte,  
E talvez lhe mostrasse o sítio e os meios.  
Balda, que há muito espera o tempo e o modo  
De alta vingança, e encobre a dor no peito,  
Excita os povos a exemplar castigo  
Na desgraçada velha. Alegre em roda  
Se ajunta a petulante mocidade  
Co' as armas que o acaso lhe oferece.  
Mas neste tempo um índio pelas ruas  
Com gesto espavorido vem gritando,  
Soltos e arrepiados os cabelos:  
Fugi, fugi da mal segura terra,  
Que estão já sobre nós os inimigos.  
Eu mesmo os vi, que descem do alto monte,  
E vêm cobrindo os campos; e se ainda  
Vivo chego a trazer-vos a notícia,  
Aos meus ligeiros pés a vida eu devo.



Debalde nos expomos neste sítio,  
Diz o ativo Tedeu: melhor conselho  
É ajuntar as tropas no outro povo:  
Perca-se o mais, salvemos a cabeça.  
Embora seja assim: faça-se em tudo  
A vontade do céu; mas entretanto  
Vejam os contumazes inimigos  
Que não têm que esperar de nós despojos,  
Falte-lhe a melhor parte ao seu triunfo.  
Assim discorre Balda; e entanto ordena  
Que todas as esquadras se retirem,  
Dando as casas primeiro ao fogo, e o templo.  
Parte, deixando atada a triste velha  
Dentro de uma choupana, e vingativo  
Quis que por ela começasse o incêndio.  
Ouviam-se de longe os altos gritos  
Da miserável Tanajura. Aos ares  
Vão globos espessíssimos de fumo,  
Que deixa ensangüentada a luz do dia.  
Com as grossas camáldulas à porta,  
Devoto e penitente os esperava  
O Irmão Patusca, que ao rumor primeiro  
Tinha sido o mais pronto a pôr-se em salvo  
E a desertar da perigosa terra.  
Por mais que o nosso General se apresse,  
Não acha mais que as cinzas inda quentes  
E um deserto onde há pouco era a cidade.  
Tinham ardido as míseras choupanas  
Dos pobres índios, e no chão caídos  
Fumegavam os nobres edifícios,  
Deliciosa habitação dos padres.  
Entram no grande templo e vêem por terra  
As imagens sagradas. O áureo trono,  
O trono em que se adora um Deus imenso  
Que o sofre, e não castiga os temerários,  
Em pedaços no chão. Voltava os olhos  
Turbado o General: aquela vista  
Lhe encheu o peito de ira, e os olhos de água.  
Em roda os seus fortíssimos guerreiros  
Admiram, espalhados, a grandeza  
Do rico templo e os desmedidos arcos,  
As bases das firmíssimas colunas  
E os vultos animados, que respiram  
Na abóboda o artífice famoso  
Pintara... mas que intento! as roucas vozes  
Seguir não podem do pincel os rasgos.  
Gênio da inculta América, que inspiras  
A meu peito o furor que me transporta,  
Tu me levanta nas seguras asas.  
Serás em paga ouvido no meu canto.  
E te prometo que pendente um dia  
Adorne a minha lira os teus altares.

## CANTO QUINTO

Na vasta e curva abóbada pintara  
A destra mão de artífice famoso,  
Em breve espaço, e Vilas, e Cidades,  
E Províncias e Reinos. No alto sólio  
Estava dando leis ao mundo inteiro  
A Companhia. Os Cetros, e as Coroas,  
E as Tiaras, e as Púrpuras em torno  
Semeadas no chão. Tinha de um lado  
Dádivas corruptoras: do outro lado  
Sobre os brancos altares suspendidos  
Agudos ferros, que gotejam sangue.  
Por esta mão ao pé dos altos muros  
Um dos Henriques perde a vida e o reino.  
E cai por esta mão, oh céus! de balde  
Rodeado dos seus o outro Henrique,  
Delícia do seu povo e dos humanos.  
Príncipes, o seu sangue é vossa ofensa.  
Novos crimes prepara o horrendo monstro.  
Armai o braço vingador: descreva  
Seus tortos sucos o luzente arado  
Sobre o seu trono; nem aos tardos netos  
O lugar, em que foi, mostrar-se possa.  
Viam-se ao longe errantes e espalhados  
Pelo mundo os seus filhos ir lançando  
Os fundamentos do esperado Império  
De dous em dous: ou sobre os coroados  
Montes do Tejo; ou nas remotas praias,  
Que habitam as pintadas Amazonas,  
Por onde o rei das águas escumando  
Foge da estreita terra e insulta os mares.  
Ou no Ganges sagrado; ou nas escuras  
Nunca de humanos pés trilhadas serras  
Aonde o Nilo tem, se é que tem, fonte.  
Com um gesto inocente aos pés do trono  
Via-se a Liberdade Americana  
Que arrastando enormíssimas cadeias  
Suspira, e os olhos e a inclinada testa  
Nem levanta, de humilde e de medrosa.  
Tem diante riquíssimo tributo,  
Brilhante pedraria, e prata, e ouro,  
Funesto preço por que compra os ferros.  
Ao longe o mar azul e as brancas velas  
Com estranhas divisas nas bandeiras  
Denotam que aspirava ao senhorio,  
E da navegação e do comércio.  
Outro tempo, outro clima, outros costumes.  
Mais além tão diversa de si mesma,  
Vestida em larga roupa flutuante  
Que distinguem barbáricos labores,  
Respira no ar chinês o mole fasto

De asiática pompa; e grave e lenta  
Permite aos bonzos, apesar de Roma,  
Do seu Legislador o indigno culto.  
Aqui entrando no Japão fomenta  
Domésticas discórdias. Lá passeia  
No meio dos estragos, ostentando  
Orvalhadas de sangue as negras roupas.  
Cá desterrada enfim dos ricos portos,

Voltando a vista às terras que perdera,  
Quer pisar temerária e criminosa...  
Oh céus! Que negro horror! Tinha ficado  
Imperfeita a pintura, e envolta em sombras.  
Tremeu a mão do artífice ao fingi-la,  
E desmaiaram no pincel as cores.  
Da parte oposta, nas soberbas praias  
Da rica Londres trágica e funesta,  
Ensangüentado o Tâmega esmorece.  
Vendo a conjuração pérfida e negra  
Que se prepara ao crime; e intenta e espera  
Erguer aos céus nos inflamados ombros  
E espalhar pelas nuvens denegridos  
Todos os grandes e a famosa sala.  
Por entre os troncos de umas plantas negras,  
Por obra sua, viam-se arrastados  
Às ardentes areias africanas  
O valor e alta glória portuguesa.  
Ai mal aconselhado quanto forte,  
Generoso Mancebo! eternos lutos  
Preparas à chorosa Lusitânia.  
Desejado dos teus, a incertos climas  
Vás mendigar a morte e a sepultura.  
Já satisfeitos do fatal desígnio,  
Por mão de um dos Felipes afogavam  
Nos abismos do mar e emudeciam  
Queixosas línguas e sagradas bocas  
Em que ainda se ouvia a voz da pátria.  
Crescia o seu poder e se firmava  
Entre surdas vinganças. Ao mar largo  
Lança do profanado oculto seio  
O irado Tejo os frios nadadores.  
E deixa o barco e foge para a praia  
O pescador que atônito recolhe  
Na longa rede o pálido cadáver  
Privado de sepulcro. Enquanto os nossos  
Apascentam a vista na pintura,  
Nova empresa e outro gênero de guerra  
Em si resolve o General famoso.  
Apenas esperou que ao sol brilhante  
Desse as costas de todo a opaca terra,  
Precipitou a marcha e no outro povo  
Foi surpreender os índios. O Cruzeiro,

Constelação dos europeus não vista,  
As horas declinando lhe assinala.  
A corada manhã serena e pura  
Começava a bordar nos horizontes  
O céu de brancas nuvens povoado  
Quando, abertas as portas, se descobrem  
Em trajas de caminho ambos os padres,  
Que mansamente do lugar fugiam,  
Desamparando os miseráveis índios  
Depois de expostos ao furor das armas.  
Lobo voraz que vai na sombra escura  
Meditando traições ao manso gado,  
Perseguido dos cães, e descoberto  
Não arde em tanta cólera, como ardem  
Balda e Tedeu. A soldadesca alegre  
Cerca em roda o fleumático Patusca,  
Que pródigo de longe os acompanha  
E mal se move no jumento tardo.  
Pendem-se dos arções de um lado e de outro  
Os paios saborosos e os vermelhos  
Presuntos europeus; e a tiracolo,  
Inseparável companheira antiga  
De seus caminhos, a borracha pende.  
Entra no povo e ao templo se encaminha  
O invicto Andrade; e generoso, entanto,  
Reprime a militar licença, e a todos  
Co'a grande sombra ampara: alegre e brando  
No meio da vitória. Em roda o cercam  
(Nem se enganaram) procurando abrigo  
Chorasas mães, e filhos inocentes,  
E curvos pais e tímidas donzelas.  
Sossegado o tumulto e conhecidas  
As vis astúcias de Tedeu e Balda,  
Cai a infame República por terra.  
Aos pés do General as toscas armas  
Já tem deposto o rude Americano,  
Que reconhece as ordens e se humilha,  
E a imagem do seu rei prostrado adora.  
Serás lido, Uruguai. Cubra os meus olhos  
Embora um dia a escura noite eterna.  
Tu vive e goza a luz serena e pura.  
Vai aos bosques de Arcádia: e não receies  
Chegar desconhecido àquela areia.  
Ali de fresco entre as sombrias murtas  
Urna triste a Mireo não todo encerra.  
Leva de estranho céu, sobre ela espalha  
Co'a peregrina mão bárbaras flores.  
E busca o sucessor, que te encaminhe  
Ao teu lugar, que há muito que te espera.

AO AUTOR\*

SONETO

Parece-me que vejo a grossa enchente,  
E a vila errante, que nas águas bóia:  
Detesto os crimes da infernal tramóia;  
Choro a Cacambo e a Sepé valente.

Não é presságio vão: lerá a gente  
A guerra do Uruguai, como a de Tróia;  
E o lagrimoso caso de Lindóia  
Fará sentir o peito que não sente.

Ao longe, a Inveja um país ermo e bronco  
Infecte com seu hálito perverso,  
Que a ti só chega o mal distinto ronco.

Ah! consente que o meu junto ao teu verso,  
Qual fraca vide que se arrima a um tronco,  
Também vá discorrer pelo Universo.

JOAQUIM INÁCIO DE SEIXAS BRANDÃO

Doutor em Medicina pela Universidade de Montpellier

SONETO

Entro pelo Uruguai: vejo a cultura  
Das novas terras por engenho claro;  
Mas chego ao Templo magnífico e paro  
Embebido nos rasgos da pintura.

Vejo erguer-se a República perjura  
Sobre alicerces de um domínio avaro:  
Vejo distintamente, se reparo,  
De Caco usurpador a cova escura.

Famoso Alcides, ao teu braço forte  
Toca vingar os cetros e os altares:  
Arranca a espada, descarrega o corte.

E tu, Termindo, leva pelos ares  
A grande ação já que te coube em sorte  
A gloriosa parte de a cantares

INÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

Graduado na Faculdade de Leis pela Universidade de Coimbra

